

TRANSCRIÇÕES

Porque ler Maritain, hoje

Antônio Carlos Villaça

Porque Jacques Maritain (1882-1973) é o filósofo do humanismo integral.

Ainda recentemente, no seu discurso do Sumaré, dirigido aos intelectuais, o papa João Paulo II dizia que a verdadeira cultura é humanização. E acrescentava: "A cultura deve cultivar o homem, cada homem na extensão de um humanismo integral e pleno".

O último apelo de Maritain, antes de morrer, aos noventa anos de idade, em Toulouse, entre os Irmãozinhos de Foucauld, foi no sentido de que os cristãos não se esquecessem da transcendência, afirmassem a transcendência.

Palavras textuais dele, na entrevista que me concedeu no domingo, 15 de outubro de 1972: "Éis o assunto que hoje me empolga. A transcendência de Deus. Que os cristãos na luta legítima e necessária pela justiça não se esqueçam da especificidade da sua vocação, que é uma vocação de transcendência, justiça social e vida interior. Distinguir para unir". Palavras de uma atualidade impressionante, ditas por ele no limiar dos noventa anos, na paz e na solidão da Fraternidade dos Irmãozinhos de Jesus.

"Somos o sal da terra, dizia ele, então. Somos a luz do mundo. Trazemos conosco o Cordeiro da Redenção. São verdades alarmantes. São verdadeiras revoluções em marcha. Importa hoje mais do que nunca que o cristão tenha nítida consciência da dimensão sobrenatural do Cristianismo, que nos traz a ordem da Graça. A ordem da Graça

pressupõe a ordem da natureza, apóia-se nela tantas vezes, mas lhe é transcendente.”

Seu livro de 1936, *O Humanismo Integral*, foi um divisor de águas. Antes e depois... Era o texto de um curso que ele deu na Universidade de Santander, pouco antes da Revolução Espanhola. Esse livro representava o ápice da sua evolução no sentido do social.

O destino intelectual de Maritain foi uma imensa parábola, que parte da mística, vai ao plano político-social e volta à ordem mística.

Em 1936, outubro, no mesmo ano do *Humanismo Integral*, Maritain esteve no Brasil. Ele vinha do Congresso Internacional do Pen Clube e saltou por algumas horas no Rio. Tomou posse da sua cadeira de membro correspondente da Academia Brasileira de Letras, onde o recebeu a palavra de Alceu Amoroso Lima, que saudou simultaneamente a filosofia de Maritain e a poesia de Raissa, a esposa russa de Jacques, autora de alguns livros admiráveis de poemas, como *Lettre de Nuit*, *La Vie Donnée* e o posterior *Au Creux du Rocher*, de 1955. E também de um fascinante livro de memórias, *As Grandes Amizades*, em que Raissa evoca delicadamente Bergson, Bloy, Psichari, Péguy, Rouault, Chagall, Severini.

Na Academia Brasileira leu uma conferência sobre Psicanálise, que se incorporou a seu livro *Quatro Ensaios sobre o Espírito na sua Condição Carnal*. Houve uma pessoa que chorou por causa dessa conferência longínqua: Gustavo Corção. Falou também no auditório do Centro Dom Vital, no velho casarão histórico da Praça Quinze, sobre *Ação e Contemplação*. O texto é hoje um capítulo do seu livro *Questões de Consciência*.

Vindo do agnosticismo, converteu-se ao Catolicismo por influência de Léon Bloy. É o período capital em que encontra Raissa, descobre o curso de filosofia de Bergson e frequenta a casa de Bloy, em Montmartre. Bergson revelou-lhe a metafísica mostrou-lhe que conceitos como o de alma, o de imortalidade, o de liberdade não estavam ultrapassados. Bloy revelou-lhe a Igreja Católica, isto é, a perspectiva mística, a dimensão da sacramentalidade, o engajamento no amor. É uma fase que vai de 1901 a 1909, quando descobre o tomismo e convive com o dominicano Clérissac, cujo livro, *O Mistério da Igreja*, prefaciou.

Essa fase de formação é a do duelo entre o bergsonismo metafísico e o misticismo de Bloy, que detestava a filosofia e só admitia de fato a revelação bíblica e o mundo

da mística. Em junho de 1910, Maritain publicava seu primeiro artigo *A Ciência Moderna e a Razão*. Foi a sua estréia na *Revue de Philosophie*.

Convertido ao tomismo pelos dominicanos de Paris, tornou-se professor de filosofia no Instituto Católico até 1939. Nessas duas décadas, a preocupação de Maritain é o diálogo entre o pensamento moderno e a tradição tomista.

DISTINGUIR, NÃO PARA SEPARAR, MAS PARA UNIR

Nova et vaetera, eis a sua divisa íntima, o roteiro da sua obra, o rumo da sua construção filosófica. Um ensaísta, a um tempo aberto ao mundo moderno, às suas exigências, à sua angústia, à sua filosofia imanentista, ao desespero da alma contemporânea, à poesia, à música, à pintura, ao teatro, e fiel, extremamente fiel ao pensamento de Santo Tomás e aos seus grandes comentadores, como o português João de Santo Tomás, dominicano contemporâneo de Descartes, metafísico e místico, sobre o qual Maritain escreveu um texto notável.

O magistério de filosofia em Paris abrangeu a controvérsia bergsoniana, o serviço da pura especulação metafísica a crise dramática da *Action Française*, de 1925 a 1927, quando Maritain opta pela fidelidade integral a Roma.

Os dois grandes livros desse período especulativo são *Primazia do Espiritual*, de 1927, que é a sua resposta à *Action Française* com a sua *Politique d'abord*, o primado da política, e os *Degrés du Savoir*, de 1932, obra-prima de Maritain sobre as formas do saber, ou os graus de abstração, a física, a matemática, a metafísica e a mística. Nesse livro da sua maturidade filosófica ele lançou o seu lema famoso e tão significativo — *Distnguir para unir*.

Distinção e união. Distinguir não para separar, não para opor, mas para unir os homens, as perspectivas, os ângulos de visão. Aí está um dos aspectos mais atuais da filosofia de Maritain, o seu *élan* de unidade. Ou o seu espírito de síntese. Vivemos sob o signo da dialética, isto é, da separação e da superação. A filosofia de Maritain, pelo contrário, é uma filosofia sintética. Quer dizer, um pensamento que se constrói na linha da união e da agregação. Ou seja, uma superação dos extremos. A verdade, para Maritain, está entre os extremos. Ele fez do termo médio, com Aristóteles, o fundamento da certeza. Síntese, mas não sincretismo, nem ecletismo.

Contra o cepticismo ou o relativismo, Maritain restaurou o conceito de verdade objetiva, a adequação da inteligência do ser.

Teve Maritain dois precursores de alto nível — Newman, mais platônico, e Mercier, mais aristotélico. Léon Bloy, que foi o seu padrinho de batismo, era mais um vitalista profético, puramente paulino.

Nas *Sete Lições sobre o Ser*, na *Introdução à Filosofia*, no célebre ensaio sobre os *Três Reformadores* — *Descartes, Lutero e Rousseau*, Maritain vinha pôr Santo Tomás no centro do debate ideológico do mundo moderno, não como algo estático, mas como uma filosofia dinâmica. Ele, como Mercier, concebia o tomismo como um farol, não como um marco imóvel.

1936 foi a decisiva e intensa fase do *Humanismo Integral*, dos problemas temporais, das discussões políticas, da oposição ao franquismo, ao fascismo, do anti-semitismo, numa reafirmação de fidelidade ao humano, que a II Guerra viria acentuar de forma patética. Exilado em Nova York, onde a invasão da França o surpreendeu, vive a fase dramática de livros como *Pela Justiça*, *Os Direitos do Homem e a Lei Natural*, que é o seu testemunho de homem livre em face da ignomínia nazista.

Essa luta de Maritain pela justiça durante os dias da II Guerra é de uma atualidade absoluta. E de uma beleza pungente. Apoiou o general De Gaulle. Combateu o nazismo com uma coragem impressionante. Falava pelo rádio para a França, como uma espécie de animador da Resistência.

O testemunho do *Humanismo Integral* chegava à sua plenitude. O filósofo, o metafísico, o especulativo puro, o divulgador das teses tomistas transformava-se num ensaísta engajado, militante dos direitos humanos, defensor da liberdade. Maritain nos Estados Unidos e Bernanos no Brasil deram à causa da França Livre um apoio irrestrito e coerente.

A grande fase da obra filosófica de Maritain é a que vai dos *Degrés du Savoir* e do *Humanismo Integral* ao *Tratado sobre a Existência e o Existente*, de 1948. É a fase das polémicas, dos debates político-sociais, do duelo com os fascistas, os reacionários, os integristas, os tradicionalistas, que se escandalizam com o *Humanismo Integral* e o acusam de heresia, de imanentismo, de naturalismo, de esquerdismo.

De Gaulle o convidou para ser o embaixador da França junto ao Vaticano, janeiro de 1945. Por três anos, Maritain representou a França junto a Pio XII, para perturbação dos seus adversários de todos os matizes. Estudou o existencialismo, publicou o seu livro sobre a existência e o existente, afirmando o existencialismo do tomismo.

Recolheu-se então à Universidade de Princeton, pertinho de Nova York, e lá ficou doze anos, como professor de filosofia. Era colega de Albert Einstein e de Américo Castro, o espanhol de Cantagalo, mestre em Cervantes. Em Princeton, escreveu o seu estudo sobre a filosofia da história e o seu longo ensaio crítico sobre os sistemas de filosofia moral.

A FILOSOFIA MORAL, UMA OBSESSÃO DO ESPÍRITO

A filosofia moral foi sempre uma obsessão do seu espírito. Ele já nos dera antes, em Paris, as suas profundas *Nove Lições sobre os primeiros princípios da Filosofia Moral*. Sua tese memorável sobre a filosofia "adéquatement prise", a filosofia adequadamente considerada, fora exposta no ensaio *Da Filosofia Cristã*, em que desenvolvia a sua intervenção no Encontro de Filósofos, de 1932, a que também comparecera o nosso padre Penido, tão citado por Maritain no capítulo sobre a analogia no seu livro sobre os graus do saber.

Raissa morreu em Paris, ao meio-dia de 4 de novembro de 1960. Maritain voltou para a França definitivamente. Acolheram-no os seus amigos Irmãozinhos de Foucauld, em Toulouse, na comunidade humilde da *avenue Lacordaire*.

Lá viveu os últimos doze anos de sua vida, que se concluiu aos noventa. Foi professor de filosofia dos *petits-frères*. Pois Toulouse é a residência ou a fraternidade de estudos. Lá, Maritain teve por companheiro o grande Louis Gardet, mestre em mística oriental e especialmente islamismo.

Da fase de Toulouse, restaram o livro sobre o problema do mal, o estudo sobre a Igreja, as notas íntimas e o célebre *Le Paysan de la Garonne*, de 1966, livro que exprimia a sua oposição radical ao teilhardismo. Como Charles Journet, que Paulo VI faria cardeal a seu pedido, Maritain não admitiu o evolucionismo teocêntrico do padre

Teilhard de Chardin, por ele considerado moeda falsa espiritual. O misticismo voltava a dominar o filósofo, agora todo entregue à contemplação, à oração, à vida interior, no silêncio da sua Fraternidade de Toulouse. Seu último apelo foi um hino à transcendência, ao Absoluto.

RELAÇÕES ENTRE A FILOSOFIA E A CIÊNCIA

Que densos ensaios escreveu ele sobre a música de Satie, a pintura de Rouault, de Severini, de Chagall, sobre poesia, sobre o romance de Dostoiévski, sobre contemplação, sobre as questões fundamentais da vida mística. São João da Cruz mereceu-lhe dois estudos definitivos, o capítulo dos *Degrés Du Savoir* e uma conferência para os Irmãozinhos de Foucauld.

Com Raissa Maritain escreveu *Situações da Poesia, Liturgia e Contemplação, Da Vida de Oração*. Viveram juntos 56 anos, do casamento em 1904 a 1960, quando ela morreu.

O importante em Maritain foi esta união de diferentes perspectivas, diversos planos — ação e contemplação, liturgia e mística, metafísica e moral, São João da Cruz e Santo Tomás, perenidade e modernidade, arte e escolástica, o espírito e a carne, o natural e o sobrenatural, o sentimento e a inteligência, a autoridade e a liberdade, a pessoa e a comunidade, o pluralismo e a integridade, síntese das distinções parciais para a unidade superior. Maritain operou uma síntese surpreendente entre o clássico e o moderno na sua estética, em que une Santo Tomás e arte moderna no ensaio de 1920, *Arte e Escolástica*, que representou a sua adesão ao espírito moderno de que tanto se quis afastar no seus *Antimoderne*, ainda da década de 20.

Maritain uniu Ciência e Sabedoria. Foi esse, aliás, o título de um de seus ensaios dos anos 30. Porque ele no início da sua carreira de filósofo ou professor de filosofia sistemática se apaixonou pela ciência, pelo problema das relações entre a filosofia e a ciência experimental. Seu livro sobre a *Filosofia da Natureza* é uma abordagem do tema.

Estudou biologia na Alemanha. E quis operar a síntese entre a ciência e a sabedoria. Fundou mesmo nos arredores de Paris uma escola de Sabedoria, no fim da década de 40, quando ia passar as férias universitárias na França. E quando teve como secretário particular o nosso Ubaldo Puppi. Como foi seu secretário em Toulouse o irmãozinho mineiro Serafim. E foi seu enfermeiro irmãozinho paulista Francisco Pacheco.

Essa preocupação de integrar a ciência numa síntese filosófica, numa Sabedoria global é sempre um dos temas fundamentais de Maritain. Iluminar os problemas da civilização moderna com as verdades da sabedoria perene. O metafísico jamais perdeu o contato com a realidade *rugosa*. E uma das concepções mais profundas e relevantes da obra de Maritain é a de pluralismo, a da multiplicidade do real.

A filosofia de Maritain é uma filosofia pluralista. No sentido de que reconhece e valoriza devidamente a complexidade, a diversidade das manifestações vitais. Uma filosofia que respeita antes de mais nada a realidade.

A mais de um título, pois, nós podemos falar de um realismo e de um existencialismo visceral de Maritain. Ele foi um moderno, no sentido de presença no seu tempo, de comunhão, de simpatia, de sintonia.

Foi um participante. E aí reside o essencial do seu grandíssimo testemunho. Ele ousou deixar o plano da mera especulação para mergulhar intensamente, militantemente, na problemática político-social do seu tempo. Ele não temeu arriscar-se.

Se a verdade é por natureza total e sintética, o real é estonteantemente múltiplo, é plural. Esta foi uma das suas lições.

Escreveu dois estudos penetrantes sobre estética, *Arte e Escolástica e Intuição Criadora em Arte e Poesia*, o seu curso em Washington, 1951, em que revela a sua acuidade, o seu fino gosto moderno, a sua intimidade perfeita, orgânica, seminal com os poetas do nosso tempo, como Rimbaud, Mallarmé, Valéry Péguy, Gerard Manley Hopkins, jesuíta, ou Coventry Patmore, ou Max Jacob.

A fundamental distinção entre indivíduo e pessoa está no centro da filosofia política de Maritain. Não confundiu o indivíduo com a pessoa. E definiu assim a pessoa: "Su-
sistência de um ser dotado de inteligência e de liberdade, capaz de pensar, de amar e decidir por si mesmo o seu destino."

As relações entre sociedade e pessoa são um dos temas centrais da obra de Maritain. Abordou-o nos seus grandes livros *Cristianismo e Democracia*, de 1943, e *O Homem e o Estado*, de 1951. Defendeu sempre a transcendência da pessoa, os direitos da pessoa diante do Estado. Contra o totalitarismo avassalador e desumano, afirmou com uma co-
rência profunda e nítida a dignidade da pessoa humana, na linha do seu mestre Santo Tomás.

A CRÍTICA DO LIBERALISMO E DO TOTALITARISMO

Da *Carta sobre a Independência aos Princípios de uma Política Humanista*, que foi a sua obra a não ser uma crítica do liberalismo e do totalitarismo? A sua confiança na democracia resistiu a todas as intempéries e foi renovada em muitos livros, desde a *Carta sobre a Independência*, de 1.º de dezembro de 1935, confiança lúcida e serena, que ele sintetizou em seu ensaio *Cristianismo e Democracia*, que é o livro da reconciliação total entre a Igreja e o pensamento democrático.

Maritain foi um democrata integral. Considerou com Bergson que a democracia é de essência evangélica. Disse mesmo que a ordem democrática é a manifestação temporal do Evangelho. E, ao recebê-lo, como embaixador da França no Vaticano, em 1945, Pio XII proferiu um caloroso discurso, que não era só um texto de circunstância ou de cortesia, mas a aprovação de uma obra de filósofo e de sociólogo. Os elogios de Pio XII a Maritain em tal momento foram a sua consagração definitiva.

Maritain lutou por uma sociedade vitalmente cristã e não decorativamente cristã. Acreditou na eficácia dos meios temporais pobres. Teve sempre o senso da pequenez e desconfiou de todos os triunfalismos. Esteve ligado aos beneditinos, aos dominicanos, aos carmelitas e aos Irmãozinhos de Charles de Foucauld.

O seu Cristianismo foi marcado pelo profetismo de Bloy, pelo tomismo de Clérrissac, pelo espírito da Ação Católica de Pio XI, pelo movimento litúrgico dos beneditinos, pela renovação patrística, bíblica, entre as duas Guerras. Sua casa de Meudon foi, entre 1919 e 1939, um foco de vida espiritual, um centro de renovação católica, uma fraternidade, a que acorriam Chagall, Cocteau, Charles Du Bos, Emmanuel Mounier, François Mauriac, Pierre Termier, Pierre Van der Meer De Walcheren, o nosso Penido, Garrigou-Lagrange, toda uma geração intelectual que Raissa evocou nas *Grandes Amizades* e Helena Isvolski em *Antes que a Noite Chegasse*.

Um Catolicismo intelectual, social, litúrgico, de vanguarda, dialógico, aberto. Ele foi, assim, o precursor da grande renovação que se seguiu à Guerra e culminou com o Concílio de 1962. Sua obra vasta, em torno de sessenta volumes, é a de um pioneiro, de alguém que viu longe e viu antes um restaurador.

Palavras de Maritain: “No fim do século XIX, parecia um fato consumado o grande escândalo de que falou Pio XI. O grande escândalo do século XIX é que a igreja perdeu a classe operária, palavras de Pio XI ao padre Cardijn”, que Paulo VI faria cardeal. “A condição para que as democracias ganhem a paz depois de terem ganho a guerra é que a inspiração cristã e a inspiração democrática se reconheçam e se reconciliem.”

No seu último livro *Approches Sans Entraves*, Maritain nos falou ao longo de seiscentas páginas sobre alguns dos grandes temas do seu destino. Bloy ou a mística profética, ou a Comunhão dos Santos, Descartes, Hegel e Heidegger, o *Cântico dos Cânticos*, ou a união mística.

Livro de velho, concluído aos noventa anos, é um livro de profundo otimismo e alegria. Nenhum desalento. Nenhum cansaço. Nenhuma severidade. Quem é afinal seu autor? É o contemplativo do ser.

E Maritain nos pergunta, 1972, o que é preciso para ser um grande filósofo. Resposta: solidez racional ou organizacional conceptual, justeza verbal, agudeza do olhar e limpidez de pensamento. Solidez, exatidão, agudeza, limpidez. Mas, se tivesse de escolher duas qualidades, resumiria: solidez e agudeza.

Neste seu último livro há esta bela palavra, de ecumênica e fraterna compreensão total:

“Bem pode ocorrer que nas grandes religiões não-cristãs se encontrem sábios, a um tempo filósofos e teólogos, que, sob graças atuais libertadoras da razão quanto à ferida de que sofrem no mais alto exercício, atingiram sem nenhum auxílio de Santo Tomás, o Doutor Angélico, formalmente como ele, a intuição do ser.” E ele se refere então a seus grandes amigos Louis Gardet e Olivier Lacombe, que como especialistas nos podem esclarecer a respeito, junto com Louis Massignon. Essa abertura é típica do pensamento de Jacques, como ele no fim gostava de ser chamado. “Eu sou o Jacques.”

Um dos capítulos mais curiosos do livro é o que Maritain dedicou ao instinto nos animais. E concluiu: “Não há nenhuma oposição entre a idéia de evolução universal e a de criação”. No ensaio *Uma Idéia Tomista de Evolução*, ele nos instruiu sobre as relações entre criacionismo e evolucionismo.

CONTEMPLAÇÃO, O CAMINHO PARA SALVAR O MUNDO

Só a contemplação salvará o mundo, eis a sua derradeira palavra. A contemplação vivida no seio do mundo, eis em definitivo nossa última razão de esperar. O texto do seu admirável discurso na Unesco, em abril de 1966, aparece em *Approches Sans Entraves*, sobre as condições do progresso e da paz e em que cita muito respeitosa e a Constituição *Gaudium et Spes*, do II Concílio Vaticano. Ele insiste aí no problema do bem comum internacional, que já aparecerá em *O Homem e o Estado*, de 1951.

A BUSCA DE UM SENTIDO TOTAL PARA A VIDA

A última advertência do filósofo foi toda na direção da vida contemplativa, que foi de fato a sua opção final, definitiva, absoluta. Viveu os últimos doze anos de sua longa vida na maior pobreza, entre os Irmãozinhos do Père Foucauld, num barracão de madeira, à margem do consumismo, da civilização, do luxo, do esplendor e do conforto. Mais do que nunca, era fiel à noção de fecundidade dos meios temporais pobres.

Aos oitenta e oito anos, começou o seu noviciado. Era um viúvo. Professou aos oitenta e nove anos. E a 28 de abril de 1973, aos noventa anos feitos, faleceu na Fraternidade de Toulouse, cercado pelo carinho dos *petits-frères*, no sábado depois da Páscoa. Domingo, ao meio-dia, o Papa Paulo VI, ao dar a bênção, o evocou muito comovidamente, como seu discípulo. Montini prefaciara a edição italiana dos *Três Reformadores*.

Lembro-me do ensaio profundo *Approches de Dieu*. Nele, Maritain nos propôs uma sexta via às cinco vias clássicas do tomismo a respeito da existência de Deus. Trata-se de uma via fundada nas profundezas da experiência. O metafísico e o psicólogo nele sabiam dar-se as mãos, para que o contemplativo sereno e pacificado nascesse deles.

Foi oblato beneditino de Solesmes e está enterrado perto dos despojos de Raissa, na Alsácia. Seu pensamento social fez grandes discípulos na América Latina: um Rafael Caldera, na Venezuela, um Eduardo Frei Montalva, no Chile, um Manuel Ordoñez, na Argentina, um Dardo Regules, no Uruguai, um Alceu Amoroso Lima, no Brasil. A democracia cristã nasceu na América Latina sob a influência direta do pensamento *maritainiano*.

Sobre a extensão e a profundidade dessa influência filosófica Amoroso Lima escreveu dois artigos magistrais, um na *Revue Thomiste*, em 1948, e outro em *The New Scholasticism*, em 1972. Só nos Estados Unidos obteve Maritain uma influência semelhante.

“Deus é simples. A complexidade do mundo tem de aproximar-se da simplicidade para sobreviver. A complexidade só na simplicidade se reunifica e pacífica. O problema da paz é um problema de unidade. O homem deve realizar por sua vontade o que a sua natureza é em esboço. Segundo um lugar-comum que remonta a Píndaro e é um lugar-comum muito profundo e verdadeiro, o homem deve tornar-se o que é. E isto a um preço muito doloroso e com riscos incríveis. O homem deve conquistar na ordem ética a sua liberdade e a sua personalidade.”

Em 1905, Jacques fez com Raissa um pacto. Se não encontrassem a verdade, um sentido para a vida, uma plenitude, que justificasse e explicasse a aventura do homem sobre a terra, eles se matariam. Seria indigno viver, perseverar no ser, se não houvesse um sentido total para a vida. O encontro ocasional com a obra de um Léon Bloy revelou-lhes o caminho da Igreja de Roma, como libertação do humano.

Maritain descobriu na Igreja do Cristo o caminho, a verdade e a vida. São João da Cruz, Santo Tomás de Aquino e Charles de Foucauld o guiaram para a pacificação plena e aquela doação de si aos outros, que foi a essência da sua vida de filósofo.

Não se considerava um teólogo formalmente. Considerava-se um filósofo. Detestava que lhe chamassem um neotomista. Preferia ser chamado um paleotomista, um velho tomista, um tomista *tout court*.

O seu foi um humanismo teocêntrico, mas um humanismo de Encarnação. Colocou, sim, o pensamento, o estilo literário admirável, leve, ágil, flexível, a serviço do homem e das grandes causas sociais do seu tempo.

A sua obra é a primazia da contemplação e do amor.

Foi o maior filósofo cristão do século XX, ao lado de Teilhard de Chardin, que não soube compreender. Maurice Blondel, Louis Lavelle, Gabriel Marcel, Emmanuel Mounier, Peter Wust, Etienne Gilson foram grandes filósofos. Mas ele, Maritain, foi o mais amplo, o mais abrangente, o mais universal, o mais ambicioso.

Transmitiu aos homens do século XX a filosofia perene. (Transcrito de *O Estado de São Paulo*, de 14-09-1980)